
MITOS E HISTÓRIAS DO POVO XETÁ

*As histórias são para serem lembradas e contadas...
Elas são contadas por nossos pais e por nossos avós.
Um dia somos nós que vamos contá-las...
Não fossem essas histórias,
como saberíamos a maneira como tudo começou?
Tudo tem uma história!
As histórias contadas aqui são para não esquecermos nunca
Das coisas que sabem os mais velhos
E desta forma, o mundo continua a ser conhecido.*

Este projeto do Programa de Educação Patrimonial e Inclusão Social (PEPIS) está inserido no Programa de Salvamento da UHE Mauá-PR, promovido pelo Consórcio Energético Cruzeiro do Sul, formado pela Copel e pela Eletrosul, atendendo ao Termo de Referência emitido pelo IPHAN em 23/09/2010, em cumprimento à Portaria IPHAN 230/02, para as comunidades indígenas que habitam área de influência da construção da Usina Hidrelétrica Mauá-PR.

Coordenação do Programa de Salvamento da UHE Mauá-PR

Everson Paulo Fogolari

Coordenação do Programa de Educação Patrimonial e Inclusão Social - PEPIS

Everson Paulo Fogolari

Gláucia Buratto Rodrigues de Mello

Maurício Hepp

Organização, pesquisa antropológica, concepção, apresentações e revisão

Gláucia Buratto Rodrigues de Mello

Autores

Dival da Silva

Claudemir da Silva

Imagens

Acervo Fotográfico Vladimir Kozak. Museu Paranaense, Curitiba – PR

Acervo Museológico. Museu Paranaense, Curitiba – PR

Acervo Etnográfico. Universidade de Maringá-PR

Fotos José Carlos Soares

Coordenação Editorial

Everson Paulo Fogolari

Cleonice Dariva Fogolari

Projeto Gráfico

All Print

2013

Apresentação

Este livro foi produzido para o **Programa de Educação Patrimonial e Inclusão Social** para as comunidades indígenas que habitam a área de influência da **Usina Hidrelétrica Mauá - PR**, por solicitação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - **IPHAN**, a título de complementação às atividades educacionais e culturais do Programa de Salvamento Arqueológico da Hidrelétrica UHE Mauá – PR. As comunidades indígenas envolvidas são de **povos Kaingang, Guarani e Xetá**, estabelecidos em **oito terras indígenas** (Mococa, Queimadas, São Jerônimo, Barão de Antonina, Apucarantina, Laranjinha, Pinhalzinho e Iwy Porã).

O Povo Xetá está estabelecido na Terra Indígena São Jerônimo, no norte do Paraná. Para a realização deste livro foi realizado um Diagnóstico Antropológico Participativo, visando à consulta e à participação da comunidade envolvida, com a prática de uma antropologia inclusiva. A partir da escuta para o Diagnóstico, definimos em conjunto a produção de material cultural que represente contribuição para o fortalecimento das tradições indígenas e apoio pedagógico para as escolas indígenas com a produção de material literário extraído da memória de contadores de histórias deles. Estas histórias foram coletadas, transcritas e formatadas a partir de trabalho etnográfico coordenado pela antropóloga Gláucia Buratto R. de Mello durante os anos de 2011 e 2012. O resultado é um pouco da memória coletiva deles para eles, uma seleção de mitos e histórias da tradição oral os quais sustentam parte do imaginário cultural e da visão de mundo deste povo, contando que possam ser assim protegidos contra o tempo e o esquecimento.

Agradecimentos

Procurador da República - Dr. João Akira

Antropóloga - Dra. Luciana Maria de Moura Ramos

Arqueólogo do IPHAN - Dr. Rossano Lopes Bastos

Superintendente Estadual do IPHAN-PR - Dr. José La Pastina Filho

Arqueóloga - Dra. Alessandra Spitz Lourenço

Antropólogo Coordenador do PBA Comp. Indígena UHE Mauá - Dr. Paulo Góes e sua equipe

Funcionários da FUNAI atuando naquelas Terras Indígenas

Diretor do Museu Paranaense - Dr. Renato Carneiro Junior

Responsável pelo Setor de Antropologia do Museu Paranaense - Dra. Fernanda Maranhão

Responsável pelo Setor de Arqueologia do Museu Paranaense - Dra. Claudia Parellada

Antropólogo Professor da UEM - Dr. Lucio Tadeu Mota

Gestora do acervo do Lab. de Arqueologia, Etnologia e Etno-história/UEM - Sônia Regina Luciano

MITOS e HISTÓRIAS DO POVO XETÁ

Estas histórias pertencem à tradição cultural oral do povo Xetá e são anteriores ao massacre que sofreram pela colonização do café, nos anos de 1940-50. Elas permanecem desde sempre na memória da família de Claudemir da Silva, atual liderança do povo Xetá. Elas foram contadas pelo pai dele, quando ele e seus irmãos eram crianças. Isso foi antes. Atualmente, quem conta bem essas histórias é o irmão dele, Dival da Silva. Foi ele quem contou a maior parte destas histórias com a ajuda do Claudemir.



História da chuva

Eu vou contar a história da chuva. Segundo a história que meu pai contava, quem existia pra nós, ele falava, foi Pedro. Na verdade, naquele tempo, Pedro morava com eles no mato. Quando o tempo estava assim igual ao tempo de hoje, que está meio seco, tá demorando pra vir a chuva, Pedro inventava uma viagem e falava assim: *Eu vou mudar de acampamento*. Então, ele saía sozinho pra fazer a viagem dele, mas, na verdade, ele ia buscar a chuva. Dali três dias, quando ele já estava de volta, chovia pra eles e então todos se deitavam e ficavam quietinhos, tudo em silêncio, pra poder ouvir a chuva. Isso porque, segundo os mais velhos, se eles ficassem fazendo barulho e conversando, a chuva ia embora e não voltava mais, né?

Esse Pedro é o São Pedro. Então, as chuvas surgiam dessa forma. Daí, diz que quando foi um dia, Pedro tinha saído pra buscar a chuva e, enquanto isso, eles

mudaram de acampamento. Então, choveu, mas ninguém viu nem ouviu a chuva. Nessa mudança deles, ficou um dos índios pra trás. Ele tinha ficado pra olhar a armadilha de caça e quando ele estava voltando pra aldeia, Pedro vinha vindo, batendo nos ramos das árvores, para derrubar as gotas da chuva e logo chegou ao acampamento. Quando ele viu que o pessoal tinha ido embora, ele ficou meio bravo e disse: *Mas como que eles mudam e não me avisam que iam mudar?!*, Ele falou sozinho, andando, pensando. Daí, aquele índio veio correndo atrás dele e, como Pedro estava distraído, conversando sozinho, levou um susto. O índio seguiu adiante e Pedro ficou para trás. Então, Pedro começou a subir e mandar raios atrás de si. Aquele índio começou a andar depressa para chegar logo ao acampamento, antes da chuva; mas Pedro começou a judiar dele porque o índio tinha assustado ele. Pedro estava bravo e continuou jogando raios perto dele... jogando raios. Não era pra matar, era só para assustá-

lo. Depois disso, Pedro não voltou mais. Daí, chove, mas ele não fica mais entre os índios. Os índios diziam que era ele quem mandava a chuva e é por isso que eles sabiam como é que surgiam as chuvas. Pra nós essa é uma história, mas foi uma realidade que eles viveram.



História do tatu

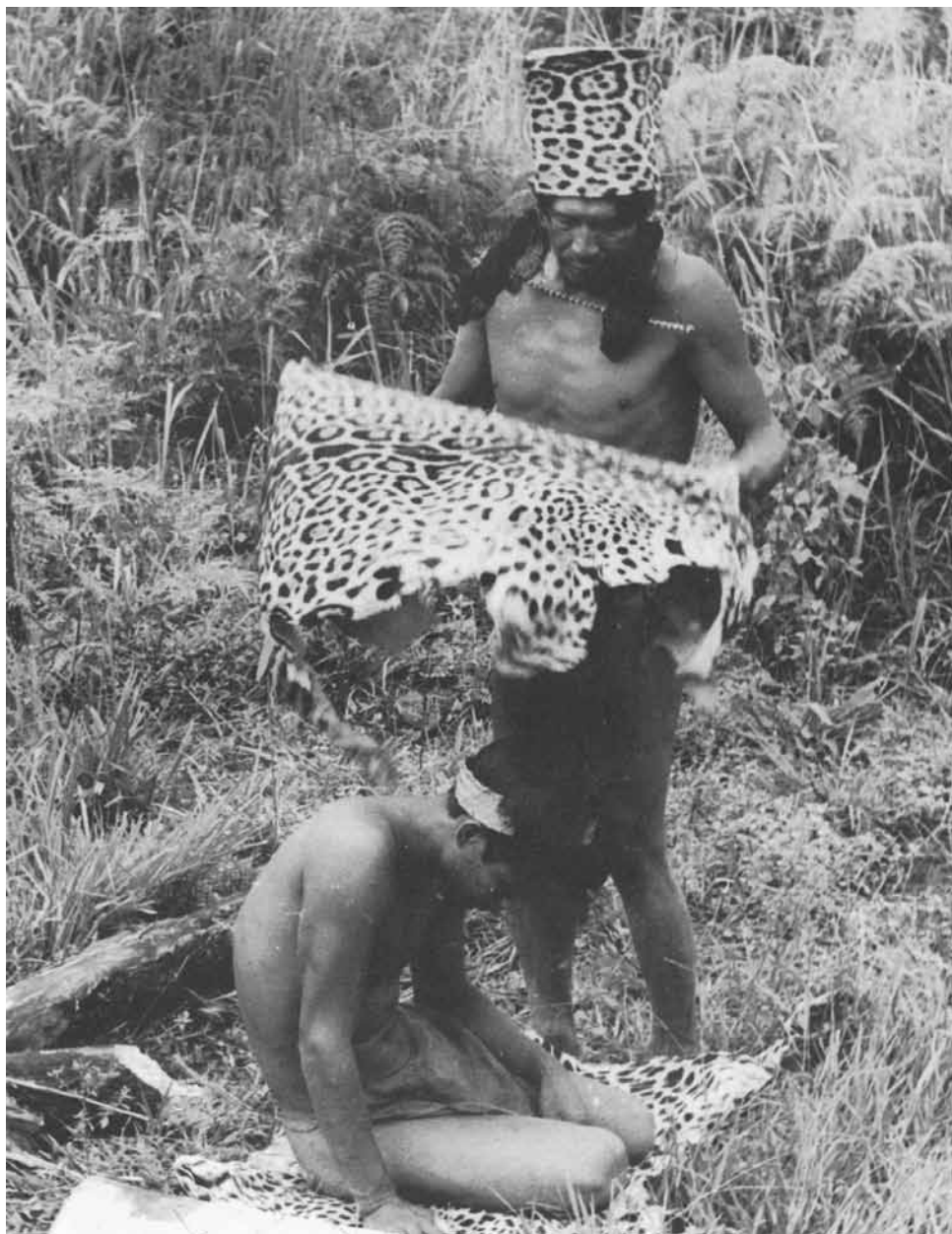
Segundo a história, eles diziam que tinha um não-índio, né? que não é índio, muitos falam: “branco”. Na verdade, o branco, ele surgiu do índio, segundo a história que meu pai contava. Diz que tinha um casal de índios que tinha dois filhos, eles não eram índios, mas usavam as mesmas coisas dos índios. E esses dois, quando estavam se esquentavam assim, à noite, em volta do fogo, junto com o pai deles, começavam a perguntar. Diz que eles viam as coisas através dos sonhos. Aí, um deles sonhou e quando estava sentado junto ao fogo, perguntou pro pai deles se existia aquele lugar que ele viu no sonho, onde tinha um tatu muito grande, um tatu gigante. Ele falou pro pai dele assim: *Lá, em tal lugar, tem um tatu assim ... um tatu muito grande e a gente não pode matar ele porque, se a gente matar, o tempo vai ficar escuro*. Aí, o pai confirmou com ele, disse que era verdade, não podiam matar aquele tatu.

Mas, no dia seguinte, eles foram lá. E quando eles mataram aquele tatu, o tempo escureceu ... escureceu o dia! O dia ficou escuro e pra eles poderem retornar pro acampamento, eles tiveram que ajeitar um fogo e voltar pela trilha. Voltaram e trouxeram o tatu. Chegaram, conversaram e comeram a carne do tatu. E depois, com o osso do tatu eles fizeram uma simpatia: tinha que entrar dentro d’água com aquele osso para mandar voltar a luz do dia de novo. Então, desse dia em diante é que surgiram os tatus, segundo a história que meu pai contava. O osso era pra fazer a simpatia pra retornar a luz do dia de novo. Eles fizeram a simpatia que tinha que mergulhar com o osso no fundo da água. Foi mais ou menos assim que ele contou. Então a história do tatu é essa.



História da Lua

Segundo o meu pai contava, uma índia teve um casal de filhos. Não é bem um casal, eram dois filhos gêmeos, dois meninos. Diz que existia uma serpente e aquela serpente comeu a mãe deles e tentava comer os meninos também. Só que ela comia, mas os meninos retornavam novamente! Retornavam os meninos. Aqueles dois, um era o Sol e o outro era a Lua. A serpente foi tentando comer, mas não conseguia acabar com eles. Até que um dia ela conseguiu comer um e então ficou um só. Daí, esse um ficou como Lua e como Sol. Durante o dia, ele brilhava como o Sol e, durante a noite, ele ficava escuro e logo começou a brilhar um pouco. E daí ficou assim: um iluminava de dia e o outro iluminava de noite. Esta é a história da Lua. Ela surgiu desta forma, segundo a história que o meu pai contou.



História da onça

A onça surgiu do índio também. Então, diz que tinha um índio aqui no mato que era uma espécie de carnívoro, sabe? Ele comia os próprios filhos dele, os recém-nascidos. A esposa dele dava à luz um filho, ele matava o filho dele e pedia para ela assá-lo para ele comer. Um dia ele tinha saído quando os irmãos dele chegaram até lá, no barraco dele. Ele não estava, estava só a esposa dele e ela estava chorando. Então, eles perguntaram pra cunhada deles o que estava acontecendo e ela começou a contar pra eles o que estava acontecendo. Daí eles falaram: *Nós vamos matar ele!* No outro dia, quando ele saiu pro mato, pra fazer a caçada dele, os irmãos dele vieram e ficaram no barraco. Eles se prepararam, entre os irmãos mesmo: fecharam o barraco e esperaram ele voltar. Na hora que ele chegou, ele vinha saindo do mato, então os irmãos dele saíram no terreiro e tacaram flecha: mataram ele! Mataram aquele índio que era onça. Mataram aquele que era o carnívoro.

Mataram ele e o que aconteceu? eles pegaram e cobriram o corpo dele com bastante folha: o corpo desse índio carnívoro. Depois, eles entraram no barraco e ficaram aguardando pra ver o que ia acontecer com o corpo dele. Quando foi de madrugada, começaram a sair muitos bichos: saiu onça, saiu gato do mato, saiu cachorro do mato, saiu tudo! Foram saindo aqueles bichos todos do corpo daquele índio durante a noite inteira. Só de manhã cedo parou tudo e daí eles foram olhar lá o corpo dele, de onde tinha saído um monte de bichos do mato. Então, a história da onça e desses outros bichos surgiu dessa forma daí. É por isso que hoje nós temos todos esses tipos de bicho: leão, gato do mato, jaguatirica, cachorro do mato, todos esses bichos fazem parte do índio. Saíram todos do corpo daquele índio carnívoro. Então, segundo a história, nós temos onça hoje por causa disso.



História da cobra

A história de cobra é a seguinte: diz que tinha um índio no mato que via tudo através dos sonhos. Se ele sonhasse que ia acontecer alguma coisa, no outro dia acontecia! Então, eles decidiram que iam se mudar de acampamento no dia seguinte. Naquela noite, aquele índio teve uma visão: eles iam encontrar uma cobra muito grande no caminho. Antes de partir, esse índio reuniu todo mundo e disse pra eles o que ia acontecer e todos acreditaram. Mas daí, aquela rapaziada nova ... às vezes a gente tá contando uma história de verdade e eles não acreditam. E então, essa rapaziada ficou brincando, falando: *É mentira dele!* No dia seguinte, eles estavam caminhando, indo embora, mudando de acampamento e essa rapaziada ia na frente, pra ver se a cobra estava realmente aonde o índio tinha falado. Quando chegaram lá, estava lá a cobra: cobra muito grande! E daí, eles voltaram correndo e o índio disse: *Eu falei pra vocês que ia ter essa cobra, né? mas não tem perigo! podem ficar aqui que eu vou na frente!*

Aí, ele foi na frente, encontrou a cobra. Ele entrou no mato e trouxe um galho e começou a abanar na frente da cobra e a falar com ela, na língua indígena. E ela foi se desenrolando devagarinho. Diz que ela era muito grossa e foi derrubando tudo o que tinha pela frente e foi indo embora dali, pro lado que o sol entra. Foi embora. Depois, eles pegaram uma pedra porque, quando acontece um tipo de coisa assim, eles pegavam uma pedra e chocalhavam três vezes pro lado que a cobra ia e depois colocavam a pedra onde a cobra estava. Segundo essa história, eles faziam isso pra ela não voltar mais. A cobra foi embora e enquanto ela ia se desenrolando, foram aparecendo várias cobrinhas e elas foram acompanhando a cobra grande. Dizem que hoje nós temos cobra aqui por causa dessa aí: ela foi embora, mas algumas ficaram. O meu pai não chegou a falar que cobra era aquela, mas disse que existe cobra por causa disso, segundo a história do meu pai, né? A grande foi na frente e as outras cobrinhas foram atrás; mas algumas ainda ficaram, que é onde hoje nós temos um monte de cobras. História também que a gente vê que não é pensada pra gente, é real porque nós temos hoje, né?



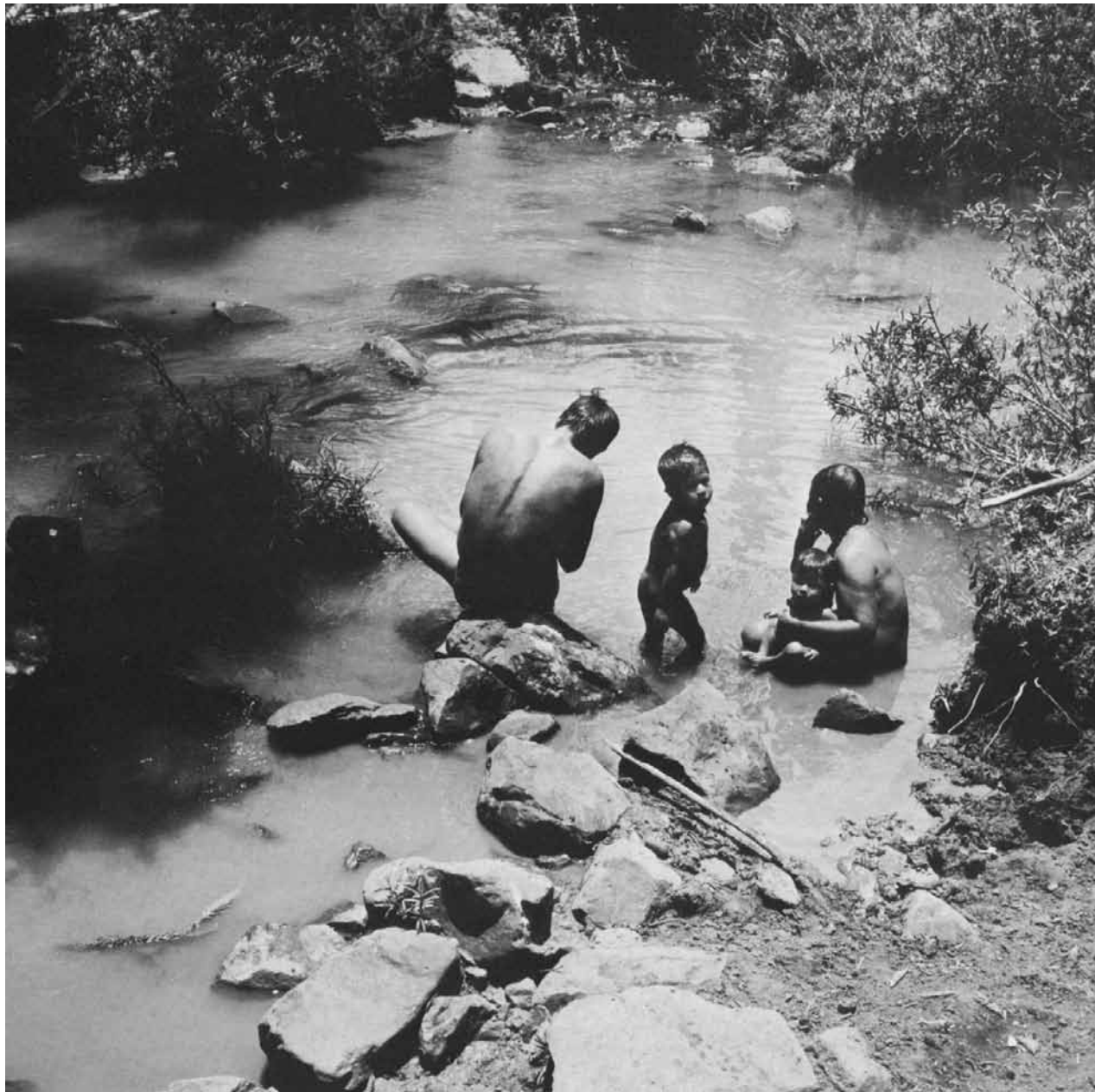
História do macaco

Tem história do tamanduá, tem do macaco, da capivara, tem do quati ... tem bastante história desses bichos, a maioria da bicharada tem história, né? Tudo tem história ... Só que, na época, a gente era meio criança, então a gente não conseguiu guardar todas. Algumas a gente esqueceu, né? A história do macaco é a seguinte: cada época tem uma fruta e então, na época que tinha aquelas frutas ... esqueci o nome da fruta ... jaca manga ...jaca manga que eles falam. Então, existiam essas frutas e uma pessoa era escolhida para ir colhê-las: uma só. Só uma pessoa podia ir. Então, eles escolheram um índio que morava no mato. Mas esse índio era meio danadão, sabe? Ele pulava muito pra cá e pra lá, fazia as traquinagens dele. Mas ele foi escolhido assim mesmo. Mandaram ele e ele tinha que ir até onde tinha as frutas para colher e não podia comer nenhuma delas: ele tinha que trazê-las pro acampamento e daí dividir para todos poderem comer. Mandaram ele ir, mas foi passando o tempo, passando o tempo e ele não retornava. Daí, resolveram ir atrás dele, pra ver o que estava acontecendo. Quando chegaram lá, viram que ele estava sentado em cima dos balaios, comendo as frutas lá. E então chegaram nele e ele tomou aquele susto, e saiu pulando para os galhos altos das árvores. Aí, meteram as flechas em cima dele, sabe? flecha, flecha em cima, mas não puderam pegar ele. Daquele dia em diante, ele sumiu entre as árvores e não voltou mais porque ele virou macaco. E foi daí que surgiu o macaco, né? os macacos surgiram assim.



Caçada de anta

A sobrevivência do meu povo no mato ... eles armavam armadilha pra pegar anta. E então, quando acontecia deles pegar anta, eles matavam lá, onde eles pegaram, e deixavam lá, porque ela é muito grande e não tinha como trazer pro acampamento. Daí, retornavam pro acampamento. Cortavam quatro taquaras e antes de chegar no acampamento, eles vinham assobiando. Então, quando assobiavam aquelas quatro taquaras, os que estavam no acampamento já sabiam, mais ou menos, o que eles tinham matado: a anta, né? Daí vinham chegando. Chegavam no acampamento e contavam pra eles, falavam que tinham matado a anta, que ela estava lá, estava lá. Daí, todos se deslocavam dali e iam até onde tava a caça, pra comer a caça lá, né? porque não tinha como trazer. Chegavam lá e iam repartir a anta: cortavam um pedaço pra cada família e aquele que matou, ele ficava sem nada. Ficava sem nada, não pegava nada pra ele num momento. Aí, cada qual pegava o seu pedaço e iam assar tudo certinho e depois cada um de uma família devolvia um pedaço para aquele que tinha matado a anta. E ele não tinha mais trabalho de nada. O trabalho dele foi só matar. A vivência deles era desse jeito. Então, eles eram muito unidos no mato, né? A vivência deles era muito bonita no mato, o jeito deles viverem.



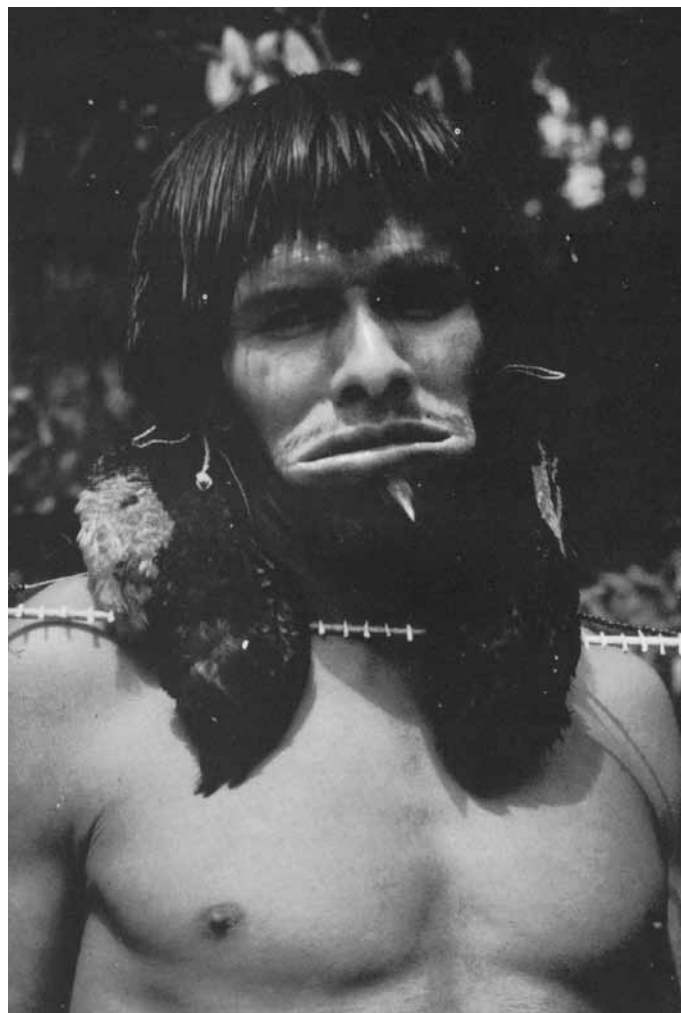
História do quati

Um molequinho saiu pra catar jabuticabas e foi picado por uma cobra. Ele foi picado e conseguiu voltar pro acampamento. Fizeram tudo o que puderam, tudo certinho. Deram os remédios, né? Mas não foi possível salvá-lo. Parece que já estava pra acontecer aquilo mesmo. Os índios Xetá, no mato, faziam assim: quando morria um, eles pegavam o corpo e o queimavam. Queimavam ele dentro de um buraco e depois jogavam folha por cima e iam embora. O corpo desse molequinho eles não quiseram queimar. Levaram ele, puseram certinho lá no buraco, cobriram com folhas e foram embora. Daí, com o passar do tempo, daquele molequinho começaram a nascer os quatis. Apareceu um bando de quatis que deu origem aos quatis que temos hoje, né? Então, a história do quati do povo Xetá é assim. O pai sempre contava pra gente ...



História da capivara

A capivara, ela surgiu de uma índia velha. Disseram que foi assim: essa índia pegou a purunguinha dela e foi ao córrego buscar água. Uns índios foram atrás dela e quiseram passar um susto nela. Com o susto, a velhinha caiu dentro d'água. Caiu e sumiu, nunca mais voltou. Mas, com o passar do tempo, daquela velhinha surgiram as capivaras. Foi daquela índia velha que surgiram as capivaras que hoje nós temos. Foi essa história que eles contaram pra nós.



História da geada

Essa é a história da geada, como que surgiu a geada. Existia um índio no mato que era diferente dos outros, sabe? era um índio meio branco, meio cinzento. Segundo a história, disseram que surgiu uma briga entre eles, entre os índios, né? e teve um dos índios que quis matar esse índio que era diferente, mas um deles não quis que fizessem isso. Ele disse que não matassem aquele índio porque se o matassem, ia cair uma geada e os rios iam ficar congelados. Mas aquele índio era meio teimoso e matou o outro. À noite, alguns quiseram se adiantar para buscar a água para fazerem de manhã o *kuuaw*, que é o chimarrão. Eles se adiantaram porque sabiam que o rio ia ficar congelado até que amanhecesse o dia e surgisse o sol para esquentar e descongelar o rio. Mas aquele índio que tinha matado o outro não ligou, não acreditou neles e não foi pegar água. Ele não acreditou que o rio ia ficar congelado, e então, durante a madrugada, começou a fazer muito frio, um frio que era difícil de agüentar. Até mesmo junto do fogo estava meio difícil de agüentar o frio.

Quando foi de madrugada, já estava amanhecendo, alguns se levantaram e correram até o rio pra pegar água pro chimarrão deles, que era o *kuuaw*. E quando chegaram lá, um por um foram passando sobre o rio, deslizando um pouquinho no gelo porque a água estava congelada. E eles tiveram que esperar o sol nascer, esquentar e derreter o rio para eles poderem pegar a água e não podiam tomar o chimarrão deles, que era o nosso café da manhã de hoje. O café da manhã deles era aquilo: eles tomavam o *kuuaw*, depois iam esquentar carne de caça, iam pegar mel ou comer a fruta da época, né? Então, o café da manhã deles era desse jeito. Aquele índio não acreditou que não podia matar aquele outro índio e é por isso que hoje existe a geada pra nós. Segundo a história, a geada apareceu depois que mataram esse índio meio cinzento. Então, segundo a história deles, a geada surgiu assim.



História dos acampamentos Xetá

Sim, a gente se movimentava muito nos acampamentos, tinha as *tapúi* e as *apoengue*. *Tapúi* é a casinha pequena e *apoengue* é a casa grandona. *Apoengue* é como se fosse assim, vamos supor, nós fazemos um salão grande pra fazer um evento, uma reunião, e servia também para tomar nossa bebida juntos. Esse *apoengue* era construído pra isso, né? pra encontro, juntava mais gente. É uma casa grande onde eles faziam a bebida deles do mato no período de certas frutas também. Então, quando a bebida estava fermentada, que ficava no ponto certo pra tomar, aí, eles entravam dentro do *apoengue* pra tomar, na casa grande. Antes disso, eles colocavam umas varas atravessadas ... que seguravam assim... eles ficavam ali, segurando ali e cantando. Mulher não participava, mas tinha uma menina ... uma menina que nunca teve relação, ela entrava ali pra servir a bebida para os homens, sabe? Então, ela servia pra cada um. Era como se a gente estivesse reunida aqui, tomando chimarrão, talvez um *tereré*. Então, a bebida passava de mão em mão. E ali, eles cantavam e bebiam daquela bebida, né? tomando, tomando, tomando até que subia na cabeça... Era um vinho, né? podia ser de jabuticaba, de jeribá, de jaraquatchá. Eles faziam a bebida no cocho, né? jeribá ... gabirola também, né? coquinho...

Eles faziam assim como um tipo de festa deles ali. Isso era mais ou menos assim, faziam assim quando mudavam de acampamento. Às vezes o grupo não ia todo junto: um grupo ia pra Santa Bárbara, outro ia pra Sapopema, outro ia pra Curiu. E daí, quando enfraquecia a fruta de um lugar, eles iam em busca de outro lugar, onde tinha frutas. E daí, eles passavam coisa de cinco, seis meses sem se ver. Quando ficava forte de novo as frutas, o mel, a pesca no acampamento, eles voltavam todos novamente, se encontravam naquela casa grande e ali acontecia uma festa, que é como a gente faz hoje, quando a gente tem um parente lá de Curitiba que vem visitar a gente. Daí, a gente se assenta e conta como estamos. Eles contam e nós vamos contar de nós, mais ou menos isso. Contam como foi durante as andanças deles.

Coisas boas e coisas ruins que passaram. Daí, entravam na casa grande pra fazer a comemoração do encontro deles novamente, então seria isso.



O Deus dos Xetá

Não tinha Casa de Reza. Era só essa casa de comemoração. Eles sabiam que existia Deus, igual hoje. Hoje nós sabemos que existe Deus, existe nossa religião, só que eles tinham uma religião diferente. Eles acreditavam que existia Deus, fazia pedido pra Deus também, mas só que não existia assim uma religião igual temos hoje, não! Eles não tinham uma religião, eles acreditavam que existia Deus ... pedia pra Deus, né? A cada passo deles, eles pediam a proteção de Deus. Deus para Guarani é *Nhanderu*, para Kaingang é *Topé*. Pra nós, já não é *Nhanderu* nem *Topé*. Pra nós é *Menhatcho* ... *Menhatcho toto kawitchia*: Deus é grande no céu. Deus é grande lá no céu. *Menhatcho* é Deus! Então, cada um, creio eu que cada nação, tem um jeito de se expressar, de dizer. O nome de Deus pra nós é dessa forma: *Menhatcho* é Deus.



Mito de Origem Xetá

O nosso mundo agora vai se terminar em fogo, mas, antes, segundo a história que o pai contava pra nós, o mundo terminou com um dilúvio. Inundou tudo, né? E daí, diz que veio um coqueiro, virando e virando e daí começou a rodar, foi subindo. E um casalzinho de crianças se agarrou, agarraram-se naquele coqueiro e aquele coqueiro se firmou. Ficou de pé. E as criancinhas ficaram lá, grudaram-se nas folhas, ficaram lá em cima. A alimentação deles era aquela fruta: o coquinho. Ficaram tempos e tempos ali. Com o passar do tempo, tudo ficou escuro. Daí, veio a saracura, aquele passarinho que fala, eu esqueci o nome dele, sei que era um pássaro. Eles fizeram a terra de novo, levantaram a terra. Essa foi a história que o pai contava pra nós.

E daí, com o passar do tempo, eles cresceram e desceram do coqueiro. Mas eles não tinham fogo, né? era uma escuridão medonha! E daí, o rapaz teve uma idéia, ele pegou uma coisa no corpo e ficou com um fedor horrível de carniça. Ele queria atrair os urubus porque os urubus tinham o estojo de fazer fogo. E então, o moço se deitou, se fez de morto e aqueles urubus desceram, atraídos pelo cheiro de carniça. E chamaram os outros, dizendo que tinham encontrado alimento, né? Então, desceram todos os urubus. Pegaram o rapaz e foram arrastando ele, enquanto outros iam preparando lenha pra fazer o assado dele. O rapaz continuava fazendo de conta que estava morto para poder pegar o estojo de fazer fogo. E daí, depois que eles estavam todos reunidos e tinham arrastado o rapaz para junto do fogo, o rapaz levantou com tudo! Levantou e assustou os urubus e eles sumiram. Foi assim que o rapaz conseguiu o estojo. Por isso que hoje nós temos fogo. Veio pelos urubus que vieram do céu. Eles tinham o estojo de fazer fogo. Hoje nós temos fósforo, isqueiro e já é mais moderna a coisa. Mas foi mais ou menos assim que surgiu o povo Xetá, né? O pai disse que foi desse casalzinho, desse casal...

Referências Bibliográficas

KOZAK, Vladimír; BAXTER, David; WILLIAMSON, Laila; CARNEIRO, Robert L. The Héta Indians: Fish in a dry pond. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, Vol. 55, part 6, pp. 349-434. New York, 1979.